

Álcool e droga: há menos pessoas a tratar-se, "é urgente" perceber porquê

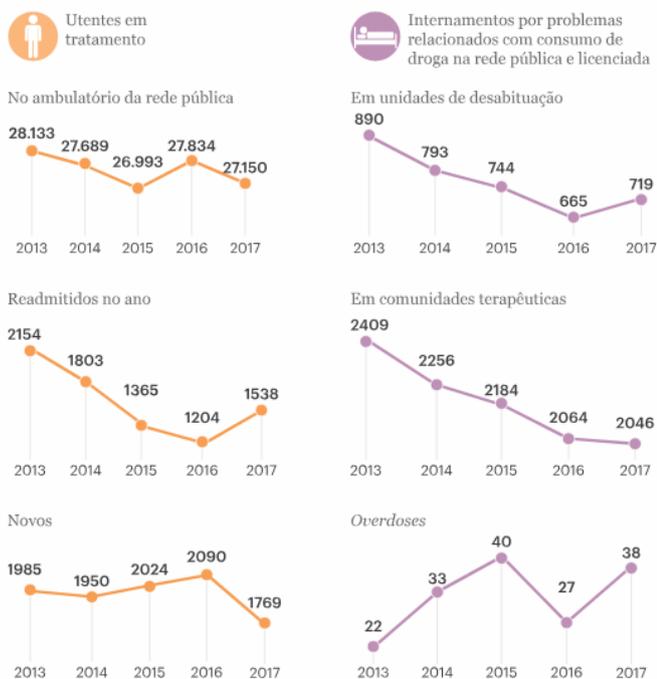
Em 2017, houve menos pessoas a entrar no sistema de tratamento de problemas relacionados com a droga e com o álcool. Esta diminuição pode dever-se a constrangimentos à entrada no sistema, segundo o coordenador nacional, João Goulão.

O número de pessoas que procuraram pela primeira vez tratamento para problemas relacionados com o uso de drogas e de álcool baixou em 2017. No primeiro caso, a diminuição foi de 15% e no segundo, o do álcool, de 11%. Esta diminuição faz João Goulão, o coordenador-nacional do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Adictivos e nas Dependências (SICAD), desconfiar da existência de constrangimentos na admissão de novos doentes nos serviços que estão, desde 2012, sob a alçada das Administrações Regionais de Saúde.

“Não conseguimos ter uma noção clara da dimensão destes constrangimentos nem se há ou não listas de espera. Mas é urgente perceber se esta diminuição dos doentes que procuram tratamento pela primeira vez não tem que ver com a existência de entraves à entrada”, declarou nesta quarta-feira ao PÚBLICO, no dia em que foi ao Parlamento apresentar o relatório anual que traça o diagnóstico do país em matéria de droga e de álcool. “São-nos referidas situações pontuais de dificuldades na entrada mas não conseguimos ter uma visão de conjunto, muito menos quando os serviços estão sob alçada de cinco diferentes regiões de saúde”, acrescentou.

A falta deste “retrato real do número de pessoas que estão à porta do sistema, sem conseguirem entrar” serve de pretexto para que o coordenador do SICAD volte a reivindicar do Governo uma tomada de decisão quanto ao modelo governativo dos serviços que tutelam o tratamento das dependências.

A evolução do país em matéria de drogas



Fonte: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Adictivos e nas Dependências PÚBLICO

O anterior secretário de Estado adjunto da Saúde, Fernando Araújo, tinha prometido uma decisão para o início do ano passado. Mas, entre grupos de trabalho e relatórios vários, a situação de “ingovernabilidade” tem-se vindo a arrastar, tendo levado, em Novembro de 2017, à demissão dos 13 coordenadores da Divisão de Intervenção nos Comportamentos Adictivos e nas Dependências (DICAD) do Norte que, já então, apontavam o aumento das listas de espera entre os utentes.

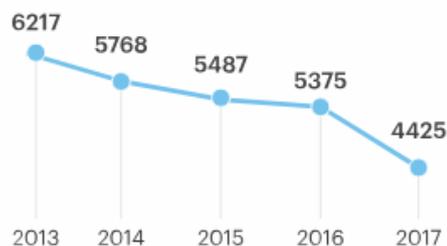
Cannabis mais consumida

A cannabis é, pelo sexto ano consecutivo, a droga mais referenciada entre os novos doentes em tratamento no ambulatório da rede pública. Isto apesar de, se tivermos em conta toda a população em tratamento, a heroína continuar no pódio. Em 2017, diminuíram os utentes em tratamento no ambulatório (27.150, contra os 27.834 do

ano anterior)), numa descida que, de resto, acompanhou o decréscimo no número de novos utentes (1769 em 2017, contra 2090 em 2016). Mas nem aqui o cenário é muito risonho já que, tal como no álcool, as readmissões (de pessoas que já tinham entrado no sistema) aumentaram para os 1538 utentes, contra os 1204 de 2016 (mais 28%). E este aumento nas readmissões “contraria a tendência de descida verificada nos quatro anos anteriores”.

A evolução do país em matéria de álcool

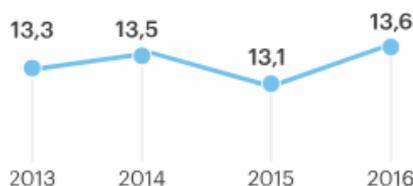
Internamentos hospitalares com diagnóstico principal atribuível ao álcool



Crimes por condução com taxa de alcoolemia igual ou superior a 1,2g/l



Número médio de anos potenciais de vida perdidos por doenças atribuíveis ao álcool



Óbitos por doenças atribuíveis ao álcool



Fonte: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências PÚBLICO

No relatório deste ano, Goulão louva os profissionais “que têm gerido com grande dignidade as alterações funcionais ocorridas, causadoras de entropias no sistema de governação e de acção”. Ao PÚBLICO, aponta “a saída de muitos profissionais” que tem levado a uma diminuição da capacidade de resposta mas diz confiar que “há vontade desta nova equipa ministerial em resolver a situação”.

“Penso que estão a trabalhar na questão. Vou-me mantendo no cargo enquanto sentir que estou a contribuir

para a resolução dos problemas”, declarou, rejeitando um cenário de afastamento do lugar que ocupa desde 1997.

O relatório de 2017 mostra que estão a chegar mais jovens às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) por terem ou estarem expostos a comportamentos relacionados com bebidas alcoólicas que afectam o seu bem-estar e desenvolvimento. Foram sinalizados 305 casos em 2016 e 302 no ano seguinte. São “os valores mais altos” dos últimos cinco anos. Nos três anos anteriores, os casos rondavam as duas centenas. Em cerca de metade das situações, foram as próprias crianças ou jovens a assumir comportamentos de risco induzidos pelo álcool.

Mulheres e pessoas mais velhas

Os indicadores de 2017 voltam a acentuar o agravamento dos consumos problemáticos de álcool e de cannabis entre as mulheres e no grupo dos mais velhos. “No desenvolvimento das acções preventivas temos estado muito virados para os jovens em idade escolar mas, perante estas percentagens muito relevantes de consumos problemáticos nas mulheres e nos grupos de mais idade, temos que intensificar a intervenção em meio laboral e desenvolver estratégias específicas de género e voltadas para a terceira idade onde também há problemas significativos”, antecipa Goulão.

Nem tudo são más notícias: entre os mais jovens, parece haver uma maior percepção do risco associado ao consumo de substâncias. Além disso, os consumos, nomeadamente da cannabis, tendem a iniciar-se em idades mais avançadas.

Álcool mata mais na estrada

As mortes na estrada em acidentes de viação sob influência do álcool atingiram em 2017 o valor mais alto dos últimos cinco anos: houve 170 vítimas mortais, das quais 80% eram condutores, 14% peões e 6% passageiros. Ainda assim, e apesar de representar um acréscimo de 4% face a 2016, aquele número está longe das 242 vítimas mortais de acidentes de viação sob influência do álcool registadas em 2010. Entre 2016 e 2017, as vítimas na situação de condutor aumentaram 22%.

Mas, porque a cannabis é, pelo sexto ano consecutivo, a principal droga de consumo entre os que procuram tratamento pela primeira vez, Goulão reconhece que o problema foi desvalorizado (nomeadamente durante os anos em que as preocupações incidiam sobre os consumos de heroína) e que chegou a hora de desconstruir o discurso que tende a desvalorizar a nocividade da cannabis. “Há uma enorme aceitação social da cannabis, assente na ideia de que é uma substância que até ajuda a tratar doenças, e é preciso começar a prevenir estes consumos que agora aparecem como dominantes e motivadores dos maiores pedidos de ajuda nos tratamentos”, aponta.

Overdoses aumentaram 41% em 2017

No tocante ao álcool, o último grande inquérito feito em 2016/17 a 12 mil pessoas entre os 15 e os 74 anos já mostrava que 2,8% da população apresentava padrões de consumo nocivo ou dependência. Se recuarmos a 2012, “aumentou a frequência do binge [consumo de cinco ou mais bebidas num único momento] e agravaram-se os consumos de risco e dependência”.

Mas as preocupações relacionadas com o abuso do álcool não se ficam por aqui: as infeções com o vírus da Hepatite C aumentaram entre os utentes que iniciaram tratamento.

Por outro lado, os internamentos hospitalares com diagnóstico principal atribuível ao álcool estão a diminuir (4425, menos 18% do que em 2016). Mas as mortes por doenças atribuíveis ao álcool estão a aumentar. Em 2016 (o relatório não dispõe de números de 2017) houve 2515 óbitos por doença derivada do abuso de álcool. Foram mais 9% do que em 2015 e o valor mais alto dos últimos cinco anos.

Prevalências do consumo binge*

Face à população consumidora nos últimos 12 meses (%)

■ Homens ■ Mulheres □ Total



* No caso das mulheres, consumo de 4 ou mais bebidas na mesma ocasião. Entre os homens, 6 ou mais bebidas.

Prevalências de embriaguez**

Face à população consumidora nos últimos 12 meses (%)

■ Homens ■ Mulheres □ Total



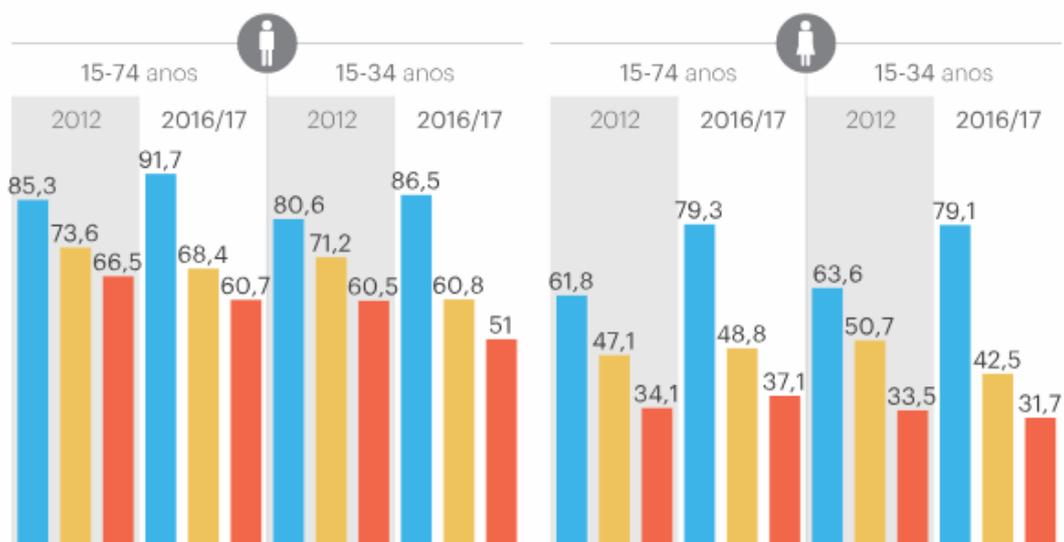
** Embriaguez severa: cambaleio, dificuldade em falar, vomitar, não recordar o que aconteceu.

Evolução do consumo de álcool entre 2012 e 2016

Prevalências de consumo de alguma bebida alcoólica

População geral, percentagem em Portugal

■ Prevalência ao longo da vida ■ Últimos 12 meses ■ Últimos 30 dias



In "Público"